

RUA AURORA CAMPINEIRA

Lei nº 918 de 19-05-1953

Formada pela rua "C" da Vila Meirelles

Início na rua José Dias Leme

Término na rua Oscar Leite

Vila Meirelles

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Antonio Mendonça de Barros.

AURORA CAMPINEIRA

Aurora Campineira é o romantico nome do primeiro jornal a ser fundado e a circular na cidade de Campinas. Seu aparecimento na "Princesa D'Oeste", deu-se a 04-abril-1858, quando a provinciana cidade possuía uma área de "1.500 fogos e 9 mil habitantes", consoante nos ensina Júlio Mariano em seu livro "Historia da Imprensa de Campinas". Os proprietários do jornal eram os irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva. O mesmo Julio Mariano, nos informa: "Os manos Siqueira e Silva eram filhos do Alferes Joaquim Teodoro e Silva, que consta ter sido campineiro, assim como o seu segundo filho, Francisco, mas João Teodoro nascera em Santos. O jornal "Aurora Campineira", semanário de pequeno formato, era composto e impresso pelos dois irmãos, de profissão tipografos. No entanto, o mais culto de ambos era João Teodoro, que frequentara o curso de latim e francês na Escola Régia do mestre Quirino do Amaral Campos, aqui fundada. A "Aurora Campineira", folha combativa, que circulou durante quase dois anos, chegou a possuir 120 assinantes". A oficina e a redação da "Aurora Campineira" estavam instaladas em um prédio na antiga rua do Pórtico, atual rua Ferreira Fenteado, esquina com a rua da Bica Grande, hoje avenida Irmã Serafina. Esse jornal media 30 centímetros de comprimento por 20 de largura, com quatro páginas de composição em duas colunas, corpo tipográfico 8. Seus fundadores, os irmãos Francisco e João Teodoro de Siqueira e Silva, endereçaram aos vereadores da Câmara Municipal, um comunicado nos seguintes termos: "Em virtude do Art. 303, do Código Criminal, declaramos a vossas senhorias que estabelecemos na Rua do Pórtico nº 17, nossa oficina tipográfica, onde, no dia 4 do corrente demos à luz um periódico sob o título "Aurora Campineira", e que levamos ao conhecimento de vossas senhorias em cumprimento do mesmo artigo. Deus guarde a vossas senhorias. Campinas, 10 de abril de 1858. (a.) Silva & Irmão. O prelo usado para a feitura da "Aurora Campineira" foi adquirido em 1832, por Alvares Machado, no Rio de Janeiro, para seu genro Hercules Florence, para montar a sua tipografia ou "autografia". Posteriormente, os adquirentes foram os irmãos Francisco e João Teodoro.



Lei n. 918, de 19 de Maio de 1953

Dá denominação a diversas ruas da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Passam a ser denominadas, na forma desta Lei, as ruas adiante caracterizadas:

Rua Frei José do Monte Carmelo: abrangendo a rua 5 do Jardim Primavera, 1 da Vila Marta, 10 do Jardim Paulistano, 15 do Jardim Proença, 1 do Jardim Proença-continuação e 7 do Jardim São Joaquim.

Rua D. Luis Antônio de Sousa: abrangendo as ruas 8 do Jardim Proença e 6 da Vila Marta e 4 do Jardim Paulistano.

Travessa Jundiá: tendo início na Rua Francisco Teodoro, entre Salcs de Oliveira e Praça a ser denominada, e terminando junto à Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Rua Taubaté: paralela à rua 7 de Setembro e tendo início na rua Francisco Teodoro junto à praça a ser denominada e terminando na Av. Ipiranga.

Rua Teodoro Baima: abrangendo as ruas 2 da Vila Marta, 14 do Jardim Proença e 5 do Jardim São Joaquim.

Rua Aurora Campineira: rua C. da Vila Meireles, tendo início na Rua Oscar Leite e terminando na rua D.

Rua José Dias Leme: rua D. da Vila Meireles, tendo início na Rua Vitoriano dos Anjos e terminando na rua sem denominação.

Rua Gonçalves Pinheiro: rua B. da Vila Meireles, tendo início na Rua Oscar Leite e terminando na rua D.

Rua Joaquim de Paula Sousa: abrangendo as ruas 11 do Jardim Proença e 3 do Jardim São Joaquim.

Rua D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho: abrangendo as ruas 6 do Jardim Primavera, 9 do Jardim Paulistano, 16 do Jardim Proença, 2 do Jardim Proença-continuação e 8 do Jardim São Joaquim.

Rua Cristóvan Bonini: abrangendo a rua 8 do Jardim Proença-continuação.

Praça Barão de Monte Alegre: situada no cruzamento das ruas 7 de Setembro e Francisco Teodoro.

Rua Antônio Francisco de Andrade: abrangendo as ruas 4 do Jardim Proença, 1 do Jardim São Joaquim e 4 do Jardim Proença-continuação.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 19 de maio de 1953.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 19 de maio de 1953.

O Diretor,
Admar Maia

Campinas, 30 de maio de 1977

AURORA CAMPINEIRA

ASSIGNATURAS

Por ano... 102.000
Por semestre... 52.000

Publica-se uma vez por semana...
Tip. Campineira, Rua do Pórtico n. 17

ASSIGNATURAS

Por ano... 102.000
Por semestre... 52.000

ANO II - CAMPINAS - SÁBADO 13 DE AGOSTO DE 1958 - Nº 13

A QUESTÃO BANCÁRIA

Na hora

Na hora em que um homem empresta a
uma empresa...
Ainda bem, se com o esgotamento do capital...

Ainda bem, se com o esgotamento do capital...
se acilando as fortunas, e todos ficam iguais...



4 de abril de 1958 assinalou o marco inicial da imprensa campineira, com o lançamento do primeiro jornal, "Aurora Campineira", numa época em que a provinciana cidade possuía uma área urbana de "1.500 fogos e 9 mil habitantes," como diz Mariano, no seu livro "Historia da Imprensa em Campinas", lembrando, todavia, que idos de 1832 na então Vila de São Carlos, Hércules Florense dera início à montagem de sua tipografia ou "autografia", adquirida por compra por dois irmãos, de origem modesta, João Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, sendo o João natural de Santos mas residindo desde a infância com seus pais, nesta cidade.

Segundo o mesmo historiador, "gazeteiro de verdade era João Theodoro, não o Francisco em obrigatório curso de "foco". João, quando jovem fora aluno de latim e francês do mestre Quirino do Amaral Campos, tendo sido tipógrafo antes de aventurar-se no jornalismo. Aliás, é interessante esclarecer, muitos elementos que se projetaram na imprensa campineira dentre os quais o próprio Julio Mariano, Benedito Cavalcante Pinto exerceram a profissão de tipógrafo.

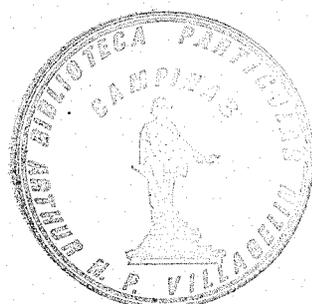
Foi portanto no dia 4 de abril de 1958, num domingo, que saiu o primeiro número da "Aurora Campineira", que tinha sua oficina e redação instaladas num prédio, ainda existente, na antiga rua do Pórtico, atual Ferreira Penteadado, esquina com a antiga "rua da Bica Grande", hoje avenida Irmã Serafina. Quando do centenário da imprensa campineira, em 1958, a ACI inaugurou uma placa de bronze nesse prédio, assinalando o surgimento da "Aurora Campineira", folha medindo 30 centímetros de comprimento por 20 de largo, com quatro páginas de composição em duas colunas, corpo 8, de publicação semanal cujo lançamento foi notificado à Camara Municipal através do seguinte ofício:

"Ilmos. Srs. Em virtude do art. 303 do Código Criminal, declaramos a vossas senhorias que estabelecemos nesta cidade, à rua do Pórtico n.º 17, nossa oficina tipográfica, onde no dia 4 do corrente demos à luz um periódico sob o título "Aurora Campineira", o que levamos ao conhecimento de vossas senhorias em cumprimento do mesmo artigo, Deus guarde a vossas senhorias.

Campinas, 10 de abril de 1958.

(aa) Silva & Irmão.

RUA AURORA CAMPINEIRA



No Giro do Tempo *Mariano, o Velho*

TRINTA ANOS NO NOTICIÁRIO DO
"CORREIO POPULAR"

No dia 4 de abril de 1952, entre outras notícias locais, publicou o "CORREIO" as seguintes:

ANIVERSÁRIO DA "AURORA CAMPINEIRA" PRIMEIRO JORNAL LOCAL

O 4 de abril rememora o aparecimento do primeiro jornal da "Princesa D'Oeste", "Aurora Campineira", acontecimento que data do ano de 1858. Seus fundadores, os irmãos João e Francisco Teodoro da Siqueira e Silva, endereçaram aos vereadores da Câmara Municipal comunicado nos seguintes termos: — "Em virtude do Art. 303, do Código Criminal declaramos a Vss que estabelecemos na Rua do Pórtico (Ferreira Penteado) n.º 17, nossa oficina tipográfica, onde, no dia 4 do corrente demos à luz um periódico sob o título "Aurora Campineira", o que levamos ao conhecimento de Vss. em cumprimento do mesmo artigo. Deus guarde a Vss. Campineiras, 10 de abril de 1858. (aa) Silva & Irmão. Os manos Siqueira e Silva eram filhos do Alferes Joaquim Teodoro e Silva, que consta ter sido campineiro, assim como o seu segundo filho, Francisco, mas João Teodoro nascera em Santos. O jornal "Aurora Campineira", semanário de pequeno formato, era composto e impresso pelos dois irmãos, de profissão tipógrafos. No entanto, o mais culto de ambos era João Teodoro, que frequentara o curso de latim e francês na Escola Régia aqui fundada. A "Aurora Campineira", folha combativa, que circulou durante quase dois anos, chegou a possuir 120 assinantes.



O anoitecer da imprensa romântica

em Campinas

(Conferência proferida pelo jornalista

JULIO MARIANO

Dia 30 último, no Municipal, quando a Organização Artística Prata da Casa prestou homenagem a cinco veteranos integrantes da imprensa local

A imprensa amanheceu romântica em a provinciana Campinas.

Despontando em o histórico 4 de abril de 1858, "quando de muito uso nas letras em prosa e versos do Brasil-império aquês delictosos mas já excessivamente gastos babadões românticos, de moda em declínio em a velha Europa, o jornal — "Aurora Campineira" — dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva, era folha que se idealizara e se plasmaria sob a influência de gosto, costumes e credo espiritual em predomínio na época ou meio ambiente.

Gazeta romântica desde a legenda feita cabeçalho — "Aurora" —, que rememorando os primórdios da imprensa, fundiu-se em jubileu, também diz da doce e brilhante claridade que precede o nascimento do sol, dos ruidosos e festivos clarins da alvorada, que no canto épico de Leopardi é o instante em que volte a verdade a terra e se afastam as vans imagens, a luz, no entanto, derramada das quatro páginas e colunas pobres do pequeno jornal, em verdade não seria mais que bruxoleante chama de candela, a tentar espandir sombras de incultura e preconceito, na cl. de ainda quase burgo, que se formara e se espalrara nas paragens do antigo sítio "Campinho".

Essa, realmente a verdade sobre o clarão da "Aurora Campineira", como folha do amanhecer de nossa imprensa. Mas, para João Teodoro, tipógrafo retrado que a imaginou, fundou e redigiu, manejando com desembaraco e destemor a pena de pato, seria como que uma explosão de luz em o escuro de ignorância e superstição do meio por demais provinciano, fora lançada à publicidade como tribuna de liberalismo, inteiramente devotada a causa do povo, órgão capaz de rebeldia ante os mandões da terra. E tudo isso, considerando o tempo, cultura, engatinhamento em progresso da evolução social, era romantismo puro!

Antes do mais, tentemos definir esse romantismo, para que não aconteça ser tomado em o sentido mais vulgar do vocábulo, fazendo crer em algo semelhante aos suspiros à luz, por entre quadrinhas chorosas, dos passados cantores gadelhudos, seresteiros de matrículas.

No jornalismo, ou na literatura propriamente dita, assim como nas demais belas artes — a música, pintura, escultura, arquitetura — são evidentes certos característicos de forma, de idealização, de gosto, identificando este ou aquele grupo de filiados a mesma arte, resultando daí a classificação das escolas, que as possuímos inúmeras, sendo, porém em o trato, mais familiares, o clássico, o romântico, o moderno, o futurista ou o existencialista. Em se referindo ao romantismo, nos o compreendemos, aqui, na interpretação que lhe dá, em Pierre

fol o romantismo uma desordem que abraque os sentimentos e as idéas, uma insurreição do instinto contra a razão. Tem, assim, um significado mais amplo que simples moda literária ou corrente artística. Abraqueção a política, no campo das idéas, com derramado humanitarismo pretende interferir nas leis e chocar-se, não raro, com a autoridade constituída. Para o romântico, a boa política seria o domínio de fatos individuais, sujeitos ao acaso ou aos arcanos da história, e insubmissos a qualquer princípio de regularidade. Revolucionário anárquico, de origem em Jean Jacques Rousseau, o romantismo investe contra as regras abstratas, contra o convencionalismo e o arbitrário das ingerências governamentais. Quando se nos oferece aparentemente reacionário, com o católico Chateaubriand, nem por isso deixa de ser filho espiritual do mesmo Rousseau, opondo-se a aliança selada entre a burocracia e o despotismo, se identificando com o revolucionário no campo social.

Em resumo: com a tendência de conferir aos sentimentos, e não à inteligência, o direito de supremo cula da vida, quer para o indivíduo, quer para sociedade, o romântico, quando não mergulha em pessimismo lírico, doentio, descrendo de tudo e de todos, arquiteta para a própria existência um poema épico de lutas e rebeldia, feito cavaleiro andante de passadas eras, um jó, de lança em riste, a escrever contra todos os poderosos, desbaratando-os, vencendo-os, para a exaltação final dos fracos e humildes. Assim, o romântico despreza o pato burguês. E o burguês, do ciclo do romantismo, na definição de Theophile Gautier, "era mais ou menos todo o mundo, os banqueiros, os corretores de câmbio, os tabelhões, os negociantes, os farmacêuticos, quem quer que participasse do misterioso cenáculo e ganhasse prosaicamente a vida".

Tornemos, porém, a João Teodoro de Siqueira e Silva e seu modesto hebdomadário — "Aurora Campineira".

Jornalista tipógrafo, sem o capundo de bacharel de um Hippólito José da Costa, João Teodoro, de natural avêsse às barreiradas a governos e governantes, tão somente se deixara apaixonar pelos princípios liberais, divulgados pelas setas maçônicas, esparramadas, na época, por ai tudo da provincia. Evocado à distância de um século, em per fil de largas e estufadas pluceladas, o pioneiro da imprensa na "Princesa D'Oeste" se nos apresenta rematando os próprios artigos nos calvotins poeirentos de antônio, frelando o vão largo das atropeladas idéas, para que malhas as pudesse conter, ajeitar em períodos, com os caracteres tipográficos em viagem um a um, da caixa sola ao componedor.

Revelado o tipógrafo a ninguém é dado estranhar esta

mor e bellicosidade em João Teodoro, que andou as turras, aos trancos, por causa do jornal, molestando-se, humilhando-se até ao ódio, com a gente grauda da terrinha, inclusa uma autoridade de alto porte como o meritíssimo Juiz da Comarca, o tipógrafo, ou o impressor, de antanho, quando mesmo arastando a pretensão ingênua de poder consertar o mundo, uivlar a sociedade a golpes de panfletos ou a explosões de dinamite, era não raro um idealista sincero, brigão pelo que possuía de convicções próprias. Manejando sem ganância de estilo ou esbanjamento de retórica a pena de jornalista, acontecida descambar a pasquinadas, meter o bebelho em escândalos jamais arredando pé, no entanto, da trincheira de combate à cuja bandeira se enajara. O antigo tipógrafo, na falta de religião que lhe falasse do céu costumava ser devoto a princípios, conceitos amassados no terra a terra, que dissessem de reivindicações sociais.

Homem do povo, gazeteiro afeitoado à luta, João Teodoro pejeou em época qua, no dizer de Alberto Faria, era dos "assalariados pobres, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de temposos". Possivelmente ameaçado de muitas tundas, não se amedrontou. Se houve alguém por estas bandas desejeoso de fazê-lo engolir a folha imprensa, em a qual se estampasse um de seus artigos mais contundentes tal violência, muito em uso no interior até quase os nossos dias, com ele João Teodoro não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, dinheiro algum se lhe meteu no alcebrá, para a compra de opinião ou de elogio. Durante os dois anos de vida publicitaria da "Aurora Campineira", arcou o jornalista pioneiro com a tarefa de dirigir, compôr, imprimir e distribuir semanalmente, a folha, aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, se resumem no fato de o jornalista ter aguentado a mão em quinze processos, por delitos de imprensa. Quinze? Talvez catorze. Porquanto em o décimo quinto processo, condenado o gazeteiro-tipógrafo a sete meses de prisão, a cumprir no "Limoeiro" canoço do Largo da Matriz Velha houve por bem fugir e homiztar-se em fazenda agrícola de amigo.

Com isto veio a ruir, em 1869 aquela primeira tenda jornalística da velha Campinas desiludindo-se João Teodoro de seu romantismo épico e gazeteiro, quebrando de vez a pena de pato com a qual esgrimia nos editoriais, fazendo-se cacato buruês, homem de negócios, a aceitar encomendas em sua tipografia de impressos puramente comerciais.

Metancioso capitão do amanhecer da imprensa campineira cujo lumino o de aurora colorido bonito de alvorada uma simples nuvem do poder

rio a seu modo, apagou, chumbando o céu da "Princesa D'Oeste" durante anos e anos que se seguiram ao episódio de João Teodoro. Mas o jornal, que na expressão do bispo castelhano Dom Lopez Palaez, são folhas desprendidas da arvore da Ciência, que por um instante sobem, remolham ao sopro da tormenta, para depois tombar ao solo e confundir-se em o po do esquecimento, o jornal retornaria a Campinas, animado por empresas mais sólidas, ficando estacas mais fundas que se alastraram em raízes, criando, assim em definitivo, a era da imprensa na cidade imperial.

Esse meio dia da imprensa campineira foi todo ele, ainda, gloriosa aventura de gazeteiros românticos.

Precisamente a 31 de outubro de 1869, surgiu à luz a "Gazeta de Campinas", cujo fundador e primeiro redator-chefe se sagrara poeta com a publicação das "Estrelas errantes", e reuniu em sua tenda de trabalho para o gazetismo bi-semanário alguns mocos imbuídos de sonhos literários, entre os quais o também poeta de merecimento, João Quirino, Jorge Miranda, Campos Sales e José Bonifácio do Amaral. Lançado o jornal sob bons auspícios, não tardou muito para que em a redação da rua De Baixo, esquina da rua Formosa (Doutor Quirino e Conceição de hoje), a poeta se consorciasse a política, política de mocos, e de ver agitando em meio ao império do sr. Dom Pedro Segundo a idéia de uma república nos moldes da de 93, na França. Comprometendo-se o revolucionismo romântico dessa "Gazeta de Campinas", também abolcionista, de vez que a "História dos Girondinos", de Lamartine, e os inflamados romances de Vitor Hugo, eram devorados no original, pela juventude letrada do interior da provincia. Foi a literatura romântica francesa, talvez mais que a influência norte-americana, o que alimentou o ideal republicano da hora primeira entre nós conquistando desde logo os jovens Campos Sales e Francisco Gilcêrio, este último antigo aprendiz de tipógrafo na oficina gráfica de João Teodoro que abraçado a um violão de serenatas, cantava, ao luar, possivelmente os próprios versos líricos. Adotando a "Marselheza" como himno de guerra, esses republicanos segundo anatou Dileta Viana, "sonhavam utopicamente um governo do povo um governo de opinião, a maneira anulo-saxonica, num país em que a opinião a maneira anulo-saxonica não existe". "E como não podiam realizar o seu ideal nem compreender exatamente a causa dessa impossibilidade lutavam-se, impacientavam-se, desesperavam, e, invadidos, afinal pelo ceticismo acabavam — como se dizia — "perdendo a fé nas instituições". Romantismo puro, atado nas "unhas da gazeta", após o dia



Mas Campinas, em a década ... 1870-1880, oferecia já campo propício à imprensa. A política em efervescência, as idéias em choque, as folhas periódicas iam apontando aqui e ali, não importa se para o florescer de um dia como as rosas de Melherbe. Não diremos de todos esses jornais, e sim unicamente do "Diário de Campinas", que revelou os Sarmiento e Henrique de Barcelos para a história da imprensa campineira.

Aventura heroica e pitoresca, a que se entregaram juntos, amigos e quase irmãos, os moços Antônio Duarte de Moraes Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Ribeiro. Isto, antes dos idos de março de 1874. Não eram acadêmicos e nem pertenciam ao círculo de poetas e literatos da "Gazeta", de Quirino dos Santos. Simples ajudante de guarda-livros, o Moraes Sarmiento, e caixeiro de loja de ferragens o Barcelos, faziam ambos boa companhia com o aprendiz de alfaiate Gonçalves Pinheiro. Rapazes burgueses. Filhos de famílias burguesas. A aventura se lhes ofereceu, um dia, com o remate, por Antônio Sarmiento, do antigo prédio cambial, de "Aurora Campineira", que se encontrava jogado num galinheiro, fundo de quintal da genitora dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva. E os três imaginaram, daí, o lançamento de "A Mocidade", cujo lema de combate seria a defesa dos direitos da "classe caixeiral"!

Capital, para início da empresa, não dispunham de nenhum, porquanto a aquisição do prédio cambial se ultimou com trezentos mil réis, que Antônio Sarmiento tomara emprestado. O certo, porém, é que se "virando" e se desdobrando os três, em atividade manual e cerebral, partilharam "A Mocidade", que evoluindo em "Atualidade", um ano decorrido, isto é, em 75, se travestia no máscara "Diário de Campinas", primeiro cotidiano da imprensa local, para a esplêndida jornada do abolicionismo, além de outras campanhas políticas ou de sentido humanitário.

Belo fruto, colhido da sementela de romantismo puro. A velha "Gazeta" e o antigo "Diário de Campinas", são jornais que legaram à geração de gazeteiros do presente século uma tradição épica de lutas e conquistas, no terreno das idéias, mas de minguido metal sonante. O gazeteiro do passado, de memória ilustre, poderia exclamar, orgulhoso, como o esquecido herói do medievo romance de cavalaria:

— "Mens arreis são as armas. Meu descanso, pelear!"...

Para esse gazeteiro, hoje histórico, como certos monumentos ou objetos de museu, o direito de uso ao título — jornalista —, quando se lhe conferia, é porque houvera cavalgado valentemente em o largo terreno das justas, onde as polémicas se travaram violentas e frequentemente também, para as folhas, três ou quatro, de opiniões divergentes entre si, cada qual desfaldando bandeira própria, o combate vivo, cotidiano, era a sua razão de ser.

Ainda no decorrer do primeiro quartel do século vinte, a imprensa local, em sequência ao gazetismo praticado em os remotos dias de João Teodoro, Quirino dos Santos, os Sarmientos e Barcelos, lembrava tudo de romantismo em suas atividades e modo de encarar o mundo, os complexos problemas sociais. Uma imprensa que, permanecendo democrática nos moldes da Constituição da primeira República, era ciosa da verdadeira liberdade e individualismo, jamais aceitando freio algum à liberdade de opinião, de crítica e de crença, quer em a palavra falada, em praça pública, quer em a palavra escrita do mais rebelde dos pasquins.

Tais liberdades, hoje, como sabemos, facilmente se concedem e facilmente se cercelam. Quando não às claras, mediante providências devidamente camufladas, com o manejo de interesse ocultos.

Sensível aos temas humanitários e populares, respingados de nacionalismo e bairrismo, quase jacobinos, a imprensa, ainda de ontem, de prósrios cambalhões composta em caixotins sujos, de um punhado de tipos móveis, sovadíssimos, era por demais lírica em sua crença de que o jornalismo se fizera exclusivamente para o sacerdote de idéias, juntos às massas, e boêmia de espírito de seus redatores, os homens da madrugada, os cruzados da peleja rude, cotidiana, cujos dos pequenos, dos humildes, os que destemerosamente investiam com a pena rombuda, feito lança, contra os abusos dos coronéis da política e privilégios de senhores da fortuna!

Isto, em nossos dias, além de romantismo puro, é um tanto perigoso para a estabilidade do jornal. Pode constituir crime de agitação, subversão da ordem social vigente, delito mais ou menos semelhante ao que perpetuou Catilina na maldição dos séculos.

Em verdade, outros tempos, outros costumes. Coincidindo o advento da moderna e melhor aparelhada imprensa, em Campinas, com o definitivo anoiecer do jornalismo romântico, tudo teria que ser diferente. Homens e máquinas. Não é mais aventureiro e perigosamente incerto o ser jornalista, quando a profissão se tornou comum e pacatamente burguesa, semelhante, como diria Theophile Gautier, a do banqueiro, do corretor de câmbio, do tabelião, do negociante, do farmacêutico; quem quer, enfim, que ganhe prosaicamente a vida. Na maioria das vezes, os profissionais de nossas gazetas, não mais confinam as próprias atividades com a primeira hora da madrugada. Outros, igualmente chamados "profissionais", ignoram o que seja o interior de uma oficina de jornal.

Em compensação, a classe ilustre, não mais de gazeteiros e sim de jornalistas, devidamente reconhecidos por sindicatos e entidades com êneres, evoluiu extraordinariamente, proliferou assombrosamente! O seu quadro, oportunamente divulgado, ao ensejo das festas centenárias deste abril, bem informa a quantos possa interessar, facilitando as buscas do his-

toriador futuro, que Campinas atual é povoada de uns quatrocentos ou quinhentos jornalistas! Todos eles, com o favor de Deus, vivos e sãos. Dissémos quatrocentos ou quinhentos, avaliando por alto, porquanto a lista de nomes que se remete à posteridade é longa e não encoraja muito a contagem. Seriam um milheiro, talvez.

Sim. Outros tempos, outros costumes. Em a época na qual colôciou publicar-se diariamente nesta "Princesa D'Oeste" o "Correio de Campinas", o "Comércio", "Cidade de Campinas" e o novíssimo "Diário do Povo", a soma de gazeteiros por estas bandas não atingiria a casa dos trinta. Mas isto, convém assinalar, foi em a década 1910-1920. Desd'ai, progredimos muito!

Definitivamente encerrada, com a moderna imprensa, a atividade romântica e gazetismo épico de nossos jornais, mesmo assim uns quantos gestos de puro romantismo acontecem por aí, com este ou aquele homem de jornal, gestos que dariam assuntos a coloridas crônicas literárias. Para dizer só dos mortos, lembramos, entre alguns, o caso de José Dias Leme, quando convidado para redator-chefe do "Correio Popular", em o ano de 1916. Jornalista literato, à antiga, que passara pela chefia da segunda "Gazeta de Campinas", o amigo Juca, fino cronista, poeta delicado, todo êle sensibilidade para as artes e coisas da tradição, aceitara o convite que lhe fizeram, para dirigir o "Correio", marcando dia e hora para assumir o cargo.

Chega o dia de véspera. Em visita ao jornal, certamente para os preparativos de posse de suas funções, inicia o bom Juca Leme conversa com um dos diretores da empresa jornalística. Indagado a coluna de noticiário de falecimentos. Quer saber o porque de os necrológicos passarem todos pela gerência. Informado de que tais notícias eram págas, o Juca estranha e protesta. Aquilo não podia ser cobrar notícia de falecimentos? Com êle, José Dias Leme, à frente da redação do jornal, não se cobraria mais o necrológico. O diretor, muito delicadamente, fez ver ao Juca que êle pretendia invadir seara alheia, interferindo na parte econômica do jornal, quando o seu cargo seria o de redator. Teinha daqui, turra dali, e o resultado foi renunciar o Juca o cargo de redator-chefe do "Correio Popular", que nem ao menos houvera assumido.

Romantismo puro, o do saudoso José Dias Leme, e anacrônico para a época.

Lembramos, ainda, do caso de Benedito Florêncio, acontecido no "Diário do Povo". Cronista durante longos anos da seção "Tome Nota", que lhe confiaram, o Florêncio era vivo e galato, em seus escritos, usando de sal grosso e pimenta em os comentários de fatos do dia. Popularizado como poucos, devido ao "Tome Nota", mal deixava transparecer o que lhe ia de sentimentos mais elevados, no íntimo. Sumunham-no, geralmente, boêmio incorrigível, canz de todas as troças, metido em todas as pân-

degas e até malandragens. O coração de Benedito Florêncio unicamente revelava derramada ternura, quando discursava êle aos homens de sua raça, aos pretos. Ai, aos arroubos da eloquência, a voz se lhe esganicava e os olhos se lho tornavam rasos de pranto... Era, então, o tribuno e paladino de todos os negros, seus irmãos!

Gravemente enfermo, o Florêncio, lá em São Paulo, rodeado dos carinhos do único filho e velha esposa, presentiu que ia morrer, que não tardaria muito em fechar os olhos para o mundo. E lembrou-se do "Diário do Povo", jornal que lhe fora mais que simples campo de atividades literárias, em anos acumulados, que lhe fora como que uma religião, a segunda família, o seu teto de mais noites dormidas, porquanto o Florêncio, gazeteiro boêmio, tinha arrumado e seu catre desde há muito ao pé da máquina impressora do "Diário".

O enfermo, se arrastando como pôde, fugiu dos seus, ganhou a estação e tomou passagem para Campinas. Embrulhado em cobertor, foi deitar-se na dura e pobre cama, ao pé da impressora do jornal. Era seu supremo desejo, o morrer ali!...

Dias depois, o filho, reconduziu Florêncio a São Paulo, quase à força. Não durou semanas...

Coisas românticas, doridamente românticas, de passados gazeteiros desta velha Campinas.

Testemunhos vivos, dessa imprensa de ontem, seus líderes, aí estão: o venerando Antonio Franco Cardoso, diretor-fundador do "Diário", após estreito companheirismo com Barcelos. E o lema do velho Cardosoino, quando diretor ativo de jornal, era o "meta o pau!" Um Tasso Magalhães, passado pela secretaria do "Diário do Povo", de Alvaro Ribeiro e Cardosoino, e que posteriormente chefiou a redação do "Correio Popular" e fundou, com sacrifício das minguias econômicas, o seu próprio jornal "Jornal de Hoje".

— folha que, por excesso de romantismo de idéias e crenças revolucionárias e pobreza de capital sonante, não vingou. Um Benedito Cavalcante Pinto, redator-chefe de lutas, em a segunda "Gazeta de Campinas", cujo empastelamento, em 1930, tentou impedir, êle só, frente à multidão politicamente fanatizada e ébria para a desordem. E êle, Cavalcante, peito à vela, sem armas outras que os próprios punhos, expôs-se inutilmente a um quase trucidamento, por amor ao jornal! Ai está o Sarmentinho, repórter desde o ano de 1910, memória viva para quantos fatos policiais se sucederem neste derradeiro meio século de nossa Campinas. Ai está o Carlos Alberto de Oliveira, repórter de todas as festas que se realizaram em quarenta anos, nesta "Princesa D'Oeste", e que como correspondente de "O Globo", do Rio, almeja a eternidade...

Companheiros vivos, da imprensa de outros tempos, a todos êles nós rendemos as nossas homenagens, neste complemento de festas centenárias do jornalismo campineiro, cujo romantismo anoi-teceu, morreu!